

Resenhas

do sul, existências anarquistas irrompem | natalia montebello*

Oswaldo Bayer. *Los anarquistas expropiadores*. Buenos Aires, Planeta, 2003, 275 pp.

Uma navalha. A pele se rasga, nervos à flor da pele, a pele se estremece, e é na pele que tudo balança. Uma questão de pele, e não há espaço para dúvidas filosóficas ou para dívidas existenciais. Escrever pode ser muito perigoso, como a vida. Há vida na escrita, ou melhor, há uma escrita que é viva, que palpita e desliza sobre as linhas e que num assalto surpreende.

Histórias de mocinhos e bandidos não são histórias de crianças, são histórias de adultos, muito adultos, embebedos e adormecidos em suas convenientes e seguras maioridades. As histórias de crianças são cruéis, rápidas, não são fábulas, prescindem da moral da história. Também é

* Doutoranda em Ciências Sociais, PUC/SP, pesquisadora no Nu-Sol e bolsista CNPq.

arriscado ler histórias de crianças, ser criança e esquecer as conveniências. Tudo parece meio desastrado, os cálculos não resolvem nenhuma equação, não resolvem nada, nada se explica. Nada tranqüiliza. E, dentre todo esse desarranjo, vidas estremeçam, rasgam, balançam, assaltam, explodem. Cálculos errados, pressas imensas, existências transbordam. Alguns julgam, outros escancaram. Os que duvidam e sobem ao muro já deram sua sentença, assinaram embaixo. A sua neutralidade consagra a moral da história. São adultos, acatam.

Os que defendem: a ordem, os direitos, a humanidade, a idéia do próximo, a propriedade. Os que clamam: o sul, existências anarquistas irrompem por segurança, por tranqüilidade, por ordem. Os que se conformam: com o que têm, com os que têm, com o que há. São todos bons. Tentam entender, perdoar, corrigir, educar, aceitar. As linhas rígidas da história demarcam seus limites, e há sempre uma moral que lembra o que deve ser feito, o que deveria ter sido feito, o que fazer, para não correr riscos, para não se dar mal. São as verdades que erguemos de nossas fábulas. Viver em paz! Desígnio de morte, palavras adultas para corpos intactos.

Uma criança diz: agora! Isto é insuportável. O que parece para muitos um preço justo, convulsiona alguns corpos numa revolta física, desmesurada... insuportável. Crianças que usam as unhas e os dentes e devem ser domesticadas. Nunca mais ser criança: viver em paz.

Expropriadores: anarquistas expropriadores são um problema. Um problema de ordem, para os donos da verdade. Sua propriedade também está ameaçada. Um problema de princípios, para os que procuram por um bem maior. O agora! lhes é inconveniente. Um problema de comportamento, para os que tentam entender. Eles sempre chegam atrasados. Um problema de segurança, para os que falam em nome de todos. Estes estão felizes. Um problema



verve

Do sul, existências anarquistas irrompem

requer uma solução: todos estão sempre dispostos a conformar as milícias dos bem-intencionados. Lemos, aqui, histórias. A história e suas soluções para os que julgam.

Expropriadores não constroem uma sociedade melhor, não preparam um futuro para humanidade, não tornam este mundo um lugar mais confortável. Não resolvem absolutamente nada. Incomodam adultos, mocinhos e bandidos.

Erram a hora, erram os números, erram os caminhos, nunca erram o alvo. Correm, atiram, explodem, gritam, escondem-se, enganam-se, nunca se entregam. Não negociam, não pactuam, não sacrificam. Assaltam o metrô, os bancos, a delegacia, sem mediações. Não são heróis. Há um ritmo alucinado nas histórias que não nos dá o benefício do julgamento. Não estamos aqui para entender. Esta escrita não nos diz a verdade, não nos preserva do incômodo de estar entre, de deslizar com. Se você sentir tontura, se seu estômago começar a embrulhar, se seus nervos arrepiarem...

Não se está diante da vida, não estamos diante da vida, se estamos vivos. Julgar: temos de nos colocar diante, fora, sobre, tanto faz, há uma negação, mais ainda, um desprezo pela vida que, com muita sutileza, escorrega em inúmeras linhas, sempre em busca da verdade. Dessas linhas temos muito, inúmeros amontoados de livros que subscrevem a farta história da interpretação, do julgamento elegante e erudito, em nome da humanidade, dos valores que erguem, com soberba, uma humanidade que não respira, que não transpira, que não exala, que nem fede nem cheira.

Ao dizer a verdade faz-se um julgamento. Busca-se uma realidade que responda à sanção moral, do bem e do mal, e de qualquer tom entre um e outro. Assim se faz a história, e se preserva o caminho contínuo que leva a uma e mais

uma concessão. E entre o que se diz e o que se silencia, a vontade de nada mantém tudo no seu devido lugar. Diante de fatos, há de se ser a favor ou contra. Quanta besteira!

A história do anarquismo consola ou assusta bem-intencionados ou carolas de qualquer índole. Olhos e ouvidos domesticados encontram as palavras certas naqueles amontoados de livros. Olhos e ouvidos vivos, atentos, inconvenientes, loucos, para ver e ouvir, loucos para viver, loucos, desfrutam de palavras que escapam às interpretações da história, que transbordam as linhas contínuas e, insurretas, nada explicam, nada resolvem, nada determinam. Alguns livros rasgam a calma da leitura instruída. Não se trata de uma história do anarquismo. Há histórias de anarquistas que incomodam, que subvertem a lógica das causas, que, a despeito dos muitos artificios a disposição, não se inscrevem na história, não resultam em síntese alguma.

Não lemos *Los anarquistas expropiadores* para entender a história do anarquismo, para entender história alguma ou coisa alguma, leio este livro e penso o presente, penso seriamente, sem conceitos para-qualquer-tempo-ou-lugar. Pensa-se assim ao pular da cadeira, a cada respiro, a cada tanto de ar e a cada gesto, a cada reação física que, a olhos atentos, provoca. Aos vivos interessa a vida, não uma interpretação, nem mesmo uma narrativa (enquanto tal, mais uma interpretação), interesse-me por este livro a cada arranhão na minha pele, nos meus nervos, e não há metáfora possível.

A primeira metade do século XX dá cambalhotas, entre nomes e lugares mais ou menos estranhos, mais ou menos famosos. Incontáveis, porque não são cifras. Se deslizamos entre estas linhas que nos preservam de um julgamento, também nos vemos entre problematizações que se projetam dos tempos, dos lugares e dos nomes: da separação, explícita e, portanto neste caso, política, entre os

Do paleo ao neo-liberalismo: a empresa com alma

anarquistas pacifistas e os anarquistas expropriadores; do anarquismo como prática que, num determinado momento, responde, efetivamente, a uma demanda de organização das práticas de trabalhadores; do anarquismo como movimento de fluxos, de estrangeiros e de práticas de sociabilidade resultantes de deslocamentos, ou melhor, inseridas em geografias inventadas por estes deslocamentos, físicos e, ao mesmo tempo, de vontades... Invenções anarquizantes que irrompem de um sul que nos é tão próximo quanto surpreendente. Teorias a parte, histórias para interessados.

Oswaldo Bayer nasceu em 1927, em Santa Fe, escritor, jornalista, cineasta. Anarquista de muitos amigos, de olhos azuis, que sabe sorrir.

do paleo ao neo-liberalismo: a empresa com alma paulo-edgar almeida resende*

Maurício Tragtenberg. *Administração, poder e ideologia*. 3ª edição revista. São Paulo, Editora UNESP, 2005, 236 pp.

Maurício Tragtenberg, leitor arguto da literatura em torno de grandes empresas capitalistas, na segunda metade do século XX, conduz-nos, via contrastes, a envolvente debate sobre questões cruciais. Seleccionamos algumas. Extrai dos clássicos da administração seu estranhamen-

* Professor no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Coordenador do Núcleo de Análise de Conjuntura Internacional (NACI) da PUC/SP.